



INTERNET, DISCURSOS RELIGIOSOS E GÊNERO

CAPITANIO, Ana Maria¹

RESUMO

Objetivo deste artigo é compreender como os discursos sobre religião e sobre masculinidades e feminilidades, divulgados por meio da internet, aparecem incorporados às falas, modos de pensar e agir de uma professora do ensino fundamental I. O estudo foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) da Região do Grande ABC paulista. Foi realizado por meio da metodologia qualitativa tendo como abordagem o estudo de caso. Buscou-se realizá-la à luz da perspectiva etnográfica utilizando-se de observação e de entrevista semiestruturada. O discurso religioso propagado por meio da internet seja por vídeos, redes sociais ou *blogs*, revelou-se como uma importante influência nos comportamentos, já que se utiliza da fé e das crenças das pessoas. Ainda que esse discurso seja ressignificado nas práticas pedagógicas, sua finalidade mais específica está relacionada à normatização e à naturalização de comportamentos considerados adequados às mulheres e aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças Religiosas. Gênero. Professora. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Este artigo originou-se de minha pesquisa de doutorado que teve como objetivo compreender os significados de crenças religiosas e do gênero incorporados às práticas pedagógicas de professoras do ensino fundamental I e como esses significados interferiram na escolha e permanência na docência. As crenças religiosas e o gênero foram tomados como algumas das estruturas que produziam significados, interferindo nos modos de agir e pensar das professoras. O estudo foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) da Região do Grande ABC paulista. Foi realizado por meio da metodologia

¹ Doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, psicóloga e professora universitária de cursos de pós-graduação da Anhanguera Educacional. Participa como pesquisadora do GREPO - Grupo de Pesquisa Gênero, Religião e Política (GREPO), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.

*prof.anacapitania@gmail.com



qualitativa tendo como abordagem o estudo de caso. Buscou-se realizá-la à luz da perspectiva etnográfica, utilizando-se de observações e de entrevistas semiestruturadas. O grupo estudado foi composto por cinco professoras do ensino fundamental I. Duas delas pertenciam à religião católica, duas eram evangélicas e uma se considerava espiritualista. Três temas foram destacados após o campo: a busca do controle sobre comportamentos considerados inadequados (indisciplina e violência) de meninos e meninas e o autocontrole das professoras; idealizações e cobranças às famílias: família ideal e família real e, a escolha e permanência na docência: da submissão à missão.

Para esse artigo, a atenção recairá sobre uma parte do capítulo 4, cujo título é: **Escolha e permanência na docência: da submissão à missão**. Em razão do tempo e do espaço, o objetivo deste artigo, será compreender como os discursos sobre religião e sobre masculinidades e feminilidades, divulgados por meio da internet, podem ser incorporados às falas e modos de pensar e agir de uma das professoras entrevistadas: Elizabeth², ex-católica, evangélica – Igreja Internacional da Graça de Deus.

Essa professora fazia claramente uma divisão de comportamentos como mais femininos e mais masculinos e os distribuíam como mais adequados às mulheres e aos homens, às suas alunas e aos seus alunos. Esses comportamentos eram apropriados por ela, como mulher e como professora e assemelhavam-se aos discursos religiosos, evangélicos, propagados por vídeos, por redes sociais e blogs, veiculados pela internet.

A PROFESSORA: Elizabeth, ex-católica, evangélica – Igreja Internacional da Graça de Deus

Entre as cinco professoras estudadas, Elizabeth deixava transparecer a maternidade e as crenças religiosas entrelaçadas às práticas pedagógicas e por meio de suas narrativas indicava que a permanência na docência se justificava em razão de considerá-la uma missão. Ao mesmo tempo guardava certa sensualidade, demonstrada pelo jeito de vestir-se, de

² Nomes fictícios.



maquiar-se, cuidar dos cabelos e por meio de comentários. Muitas vezes ela dava exemplos, como: “imaginem que sou a mãe de vocês...”, ou “eu tenho idade para ser mãe, aliás, eu tenho idade para ser avó de vocês”.

A feminilidade e a masculinidade estavam bem delimitadas em suas concepções e no seu jeito de expressar-se. Sobre a sua concepção de masculinidade tendia à narrativa convencional explicada por Connell (1995, p. 189-190): “sobre como as masculinidades são construídas”: em cada cultura atribuem-se comportamentos e sentimentos considerados adequados aos meninos e eles devem adotá-los de modo que se afastem daquilo que é considerado adequado para as meninas, isto é, se afastem da feminilidade. Nesse sentido, uma grande parte dos rapazes assumiria esse tipo de masculinidade, mesmo que isso custasse a repressão de seus sentimentos, ou desencadeasse problemas pessoais ou em relação às mulheres. Porém, essa narrativa tomaria essa masculinidade como a única possível entre tantas outras que podem ser construídas em relação a essa que é considerada hegemônica (CONNELL, 1995).

A partir desse raciocínio sobre masculinidade é que se pretende compreender a construção da concepção de feminilidade percebida em Elizabeth, tanto por meio das formas de expressar-se verbalmente como no jeito de vestir-e, considerando-a em permanente relação com sua compreensão sobre a masculinidade. Essa professora, em especial, apresentava uma feminilidade enfatizada e estendia essa concepção para a sala de aula. Em outras palavras, é como se sua feminilidade fosse produzida por/para certo tipo de masculinidade.

Dada a condição relacional de gênero essa feminilidade é socialmente construída em oposição a uma ideia de masculinidade percebida como hegemônica. O conceito feminilidade enfatizada, considerando que esta é condescendente ao patriarcado, foi primeiramente formulada como feminilidade hegemônica em relação ao conceito masculinidade hegemônica e serviu para “reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e feminilidades [...]” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265).

Por sua vez, a professora tentava controlar os comportamentos de seus alunos/as, de acordo com aquilo que acreditava ser mais feminino ou mais masculino para cada sexo: “– Meninas sentem-se direito, se não quando colocarem um vestido para sair no final de semana,



vocês não saberão como se comportarem e vão deixar aparecer a calcinha”. Ou, em comentários na sala das professoras: “– Como ele gosta de ser percebido como um menino mau – o *Bad Boy*. E, se ele é elogiado por alguma coisa boa que ele tenha feito, ele logo faz uma coisa ruim só para mostrar com ele é mau!” Ou, quando comentava sobre outro garoto, quanto ele era convencido e repetia o que ele dissera a ela: “– Olha como esse pretinho é bonitão... Imagina numa roda de pagode, conquistando as menininhas?”; E, a professora ria como se aprovasse. Os comentários sobre as meninas giravam em torno de “– Ela é aquela loirinha, bonitinha, tantos meninos e meninas se espelham nela”. Mas, quando determinada aluna mostrava-se interessada sobre a vida sexual, parecia reprovar: “– Aquela aluna tem a sexualidade muito aguçada... Porque, por exemplo, surge alguma conversa ela já leva para aquele lado, da relação sexual”.

As atribuições feitas às figuras masculinas contribuem para compreender sua concepção de masculinidade. As figuras de Deus e do pai eram tomadas como protetoras e carregadas de autoridade:

Falo para os alunos desde o começo: “– Não é uma oração de católico, não é de evangélico, não é de espírita, não é de budista [suas explicações sobre a oração do “Pai Nosso” que realizava em todos os inícios das aulas]. É uma conversa com Deus. Vocês não conversam comigo? Vocês não conversam com a Diretora? Com a mãe e o pai? Se o prefeito viesse aqui vocês conversariam com ele? Então. Por que não conversar com Deus e pedirmos para ele nos proteger? Se vocês saem com o papai e se vocês virem que estão em perigo, vocês não grudam nele para pedir proteção?” Fui procurando assim e pedindo paciência [...] (Elizabeth, entrevista).

A separação entre os meninos e meninas, em duas turmas para o ensaio da coreografia de uma dança para um evento escolar, deixou clara a oposição entre o masculino e o feminino, notada no trecho retirado das anotações dos Cadernos de Campo, a seguir. A professora não percebia que ao fazer essa distinção reforçava comportamentos que ela mesma repreendia, sobretudo, aqueles relacionados aos meninos. E, em relação às meninas, enfatizava a feminilidade:

[...] Aproxima-se o dia da Festa das Nações e a escola toda se mobiliza para esse evento. Quando Elizabeth e eu chegamos à sala, as crianças vieram mostrar-lhe seus adereços (árabes). Um dos alunos [o maior da sala e o mais popular] estava com um lenço preço à cabeça por um cordão [à moda árabe]



e as meninas com pulseiras e pingentes. Ela disse-lhes que depois da oração, explicaria melhor os detalhes para a festa e que às 14h00min ensaiariam a dança. Os meninos ficariam no laboratório de informática enquanto as meninas ensaiariam e depois trocariam, as meninas ficariam no laboratório para os meninos ensaiarem. O ensaio foi realizado na biblioteca, afastaram as mesas e iniciaram. A coreografia das meninas era bem simples, sem malabarismos, cada uma em seu lugar, acompanhava um bandeiro e rebolados insinuantes na tentativa de imitar a dança do ventre. A própria professora Elizabeth liderou o ensaio. A professora Carla ficou como assistente e somente assistia. Elizabeth ensaiou as três salas dos quartos anos repassando a coreografia por três vezes. Quando os meninos chegaram para o ensaio, a confusão começou. Eles conversavam, brincavam, tocavam-se e diziam-se esquecidos de seus lugares. A professora gritava para que eles entrassem na formação, já antes combinada. A coreografia era bem diferente das meninas. Eles pulavam trocando as pernas e batiam os pés no chão, batiam palmas e dançavam agachados (tipo dança russa ou frevo). Era confuso e barulhento. A professora esgoelava-se para lidar com tudo isso. Ela olhava para mim e dizia: “- Geralmente, o ensaio dos meninos é sempre mais difícil!” Ao final, perguntei-lhe quem havia criado a coreografia e ela disse-me ter sido ela mesma. E completou dizendo que já havia feito aulas de dança do ventre, juntamente com sua filha e frequentou por alguns meses, mas depois desistiu. Sua filha ficou bastante tempo, apresentava-se em público e só saiu porque o namorado disse-lhe que poderia fazer as aulas, mas apresentar-se publicamente, não. (Caderno de Campo, 27 de Junho de 2011).

Elizabeth elaborou a coreografia, com base nas diferenças percebidas entre os sexos, a partir de atributos socialmente construídos como masculinos e femininos. Durante o ensaio, separado pelo sexo, justificava pela diferença entre os dois tipos de danças e pela organização do ensaio, colocando em prática uma “oposição binária que afirma, de modo categórico e inequívoco, o sentido de homem e mulher, de masculino e feminino” (SCOTT, 1995, p. 11). Além disso, Elizabeth disse: “- Geralmente, o ensaio dos meninos é sempre mais difícil!”.

Ao conceituar gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...]” Scott (1995, p. 11) esclarece que para essa primeira parte do conceito quatro elementos estariam envolvidos e, dentre estes, dois deles interessantes para interpretar, mais adiante outra fala de Elizabeth. Assim, retomo-os para melhor entendimento: o primeiro elemento relacionar-se-ia aos “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias)” o qual ela exemplifica como “Eva e Maria, como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição ocidental cristã –



mas também mitos de luz e escuridão, de purificação e poluição, de inocência e corrupção” (SCOTT, 1995, p. 11).

O segundo ligar-se-ia aos “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas”, cujas expressões dar-se-iam por “doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas” (SCOTT, 1995, p. 11).

Moore (2000) avança afirmando que as culturas não produzem um único conceito de gênero, mas que existe uma grande variedade de discursos, geralmente contraditórios e conflitantes. Esses modelos afastar-se-iam daquele que é considerado um sistema único de gênero sob o qual os indivíduos seriam socializados e, aproximar-se-iam “de um entendimento mais complexo do modo em que os indivíduos passam a assumir posições de sujeitos marcados por gênero através do envolvimento com múltiplos discursos sobre gênero” (MOORE, 2000, p. 24).

Por meio das observações e da entrevista, Elizabeth revelou-se como quem extrapolava uma posição passiva no lar, que assumia o controle e sobressaía-se ao marido. Porém, apesar disso, ela dizia que isto ocorria com algumas de suas amigas e não com ela. Em sua narrativa ela expressou, implicitamente, uma simbologia sobre a mulher, representada de forma contraditória como: mulher opressora/mulher submissa.

Observou-se, em sua fala, o uso de termos psicológicos, como no caso do conceito freudiano da “transferência” e da “figura masculina como símbolo de proteção”. O significado dado às figuras masculinas (pai e marido) foi tomado como universal e fixo, assumindo uma função normatizadora ao lado da religião. A disposição de submissão foi usada como uma estratégia de poder, a fim de conseguir administrar o relacionamento:

Ele tem que estar sempre à frente [o homem – o que sua religião diz sobre o homem e a mulher?]. Hoje em dia você vê muito... Tem mulher que elas acabam anulando o marido. Elas procuram estudar mais e ter um cargo melhor. Eu tenho até colegas e conhecidas que chegaram a humilhar o marido. E tiram a autoridade dele perante os filhos, perante a casa... (...) a mulher não deve ser submissa, mas deixar o homem ter primeiro aquela responsabilidade, pois depois muitas cobram: “– Eu me mato de trabalhar, eu pago as contas...” [é o que dizem as amigas]. Mas, será que ela o deixou sentir a responsabilidade? Eu até vejo entre minhas colegas. “– Ah, porque



eu ganho mais, eu compro a casa, só eu pago, eu faço isso e faço aquilo”. Elas acabam anulando, [o homem]. Quer queira, quer não você casa, quer ter um companheiro e na verdade a mulher quer ter um companheiro que a proteja. Na verdade é assim. Porque a gente transfere aquela figura masculina do pai para o marido. Quando você pensa assim: “– Estou andando na rua, algum homem mexeu comigo, ah... se meu marido estivesse comigo, ele não iria fazer isso.” Na verdade, você procura uma proteção. E aí acaba, às vezes, anulando a figura masculina (Elizabeth, entrevista).

YOUTUBE, FACEBOOK, TWITTER E BLOGS

As narrativas dessa professora tomaram mais sentido depois de assistir a um vídeo³ que tratava de um Encontro Mensal para Mulheres, produzido pela Igreja Batista de Lagoinha, em Belo Horizonte, denominado “Diante do Trono”, cujo objetivo principal é ensinar o lugar adequado às mulheres, de acordo com as “expectativas de Deus”. Os assuntos são variados: como maquiar-se para agradar a Deus e sem ser vulgar, como vestir-se adequadamente e de acordo com o tipo físico, como comportar-se como mulher, mãe e esposa.

Desses encontros surgiu o 2º. Congresso abordando o tema sobre a submissão da mulher que, segundo a pastora, é uma “condição intrínseca ao ser mulher”. Segundo as falas das convidadas, entre elas uma psicóloga/pastora, a palavra submissão significa uma missão abaixo da missão principal. A missão principal, que é do marido, é amar a esposa e, de acordo com o raciocínio, a missão da mulher (a submissão) é ajudar o marido a amá-la. Outro comportamento adequado à mulher, mãe de meninas, seria o de treiná-las enquanto ainda crianças pequenas, pois no futuro elas submeter-se-ão aos seus maridos. Quando a mulher enfraquece a autoridade do marido, não se submetendo a ele, ela esvaziaria essa autoridade e, conseqüentemente, isso não seria um bom exemplo para a filha que presenciaria tal comportamento, inadequado.

³ Mulheres Virtuosas ou Teimosas. 2º. Congresso de Mulheres. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=aF_fARIWa6E. Acesso em: 20 fev. 2013.



Como outro exemplo, tomemos o caso de outra professora: Elizandra (evangélica – Igreja Assembleia de Deus). Quando indagada sobre as concepções sobre mulher e homem que eram valorizados pela sua Igreja, revelou que a “mulher veio para este mundo para auxiliar o homem”, ou seja, num papel secundário, da submissão, para auxiliá-lo em sua missão pelo mundo. De certa forma, Elizandra apresentou-se contraditória ao dizer que embora o homem seja considerado “a cabeça” ou “o sacerdote do lar”, o casal precisava combinar-se, conversar, planejar juntos e, além do que, a mulher deveria ser tratada como “vaso de honra⁴”.

Metaforicamente, um vaso seria um objeto que apenas recebe, passivamente, coisas que alguém coloca dentro: seja terra, água, flores, ou outros objetos. Porém, Elizandra não era tão passiva assim: sutilmente, com o seu jeito tranquilo de ser, impunha-se sobre os alunos/as, ou sobre os pais, durante as reuniões como para convencê-los sobre a importância da oração do “Pai Nosso”:

Eles [aqueles que escreveram a bíblia] falam que o homem é a cabeça, é o sacerdote do lar, mas não existe esse negócio de o homem é mais que a mulher ou o homem quem manda. A gente aprende que o homem deve amar a mulher e a mulher deve amar o homem e respeitar, ter uma relação de respeito. Não existe essa de tomar a iniciativa porque é o homem, tudo deve ser combinado, conversado, planejado junto e isso a gente aprende. Se não der certo o casamento é porque não quer, porque ensinamento a gente tem, nessa questão a mulher deve ser vista como um vaso de honra (Elizandra, entrevista).

Durante a entrevista com Elizabeth, lembrei-me da figura bíblica de nome Jezabel⁵ (ou Jezebel), muitas vezes evocada, ironicamente, em brincadeiras entre minhas próprias colegas de trabalho, nos intervalos das salas dos professores onde eu trabalhei sobre o nosso próprio papel de mulher/mãe/professora. Elizabeth e Elizandra buscavam afastar-se de Jezabel.

⁴ “Ora, numa grande casa não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra; De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra.” (Bíblia, Timóteo 2:20-21) Disponível em:> <http://www.bibliaonline.com.br/acf/2tm/2> Acesso em: 18 jun. 2013.

⁵ Jezabel era a esposa fenícia, (portanto, estrangeira e de acordo com a Bíblia pagã) do Rei Acabe israelita (século IX a. C.). A Bíblia retrata a rainha Jezebel como uma mulher que, no fundo, exerceu enorme influência sobre o marido (1 Reis 21:25). Ela é capaz de submeter os assuntos do país à sua vontade por meios tortuosos, incluindo o uso do selo de seu marido (1Reis 21:8) para forjar cartas e despachar documentos. Disponível em: <http://www.sciencedaily.com/releases/2007/10/071026210336.htm> Acesso em 20 fev. 2013.



As características principais dessa figura feminina bíblica, segundo o discurso religioso, eram a manipulação, a inescrupulosidade e a promiscuidade. Ela e seu marido, o rei Acabe, governavam Israel, segundo consta, entre 874-853 antes de Cristo. Ela é conhecida como “a mulher mais vilã” das histórias bíblicas e foi capaz de induzir seu marido a realizar atos injustos e pagãos contra os seus próprios súditos. Ela era o oposto da mulher submissa⁶. Numa busca rápida com o nome Jezebel ou Jezabel, no *Google*, encontram-se relatos bíblicos sobre sua vida e as formas de combate ao “espírito de Jezebel” tanto em *sites* evangélicos como católicos⁷.

Há vários vídeos sobre esses encontros mensais religiosos de mulheres da Igreja Batista – “Diante do Trono” – disponíveis na Internet, bem como uma página do *Facebook*⁸ (com mais de oito milhões de acessos), *do Twitter e Blogs* das Pastoras Líderes⁹. Dentre essas, uma é cantora *gospel* (famosa no meio), isto é, ainda há a música como mais um veículo pelo qual se propaga o discurso dessa face do evangelismo. Todos esses dispositivos de linguagens levam-me a pensar sobre a abrangência da difusão de concepções normativas sobre ser mulher e ser homem, que limitam e contêm as possibilidades metafóricas (SCOTT, 1995) e que de uma forma ou de outra foram reproduzidas, igualmente, nas falas das professoras, ainda que pertencentes a outros ramos do evangelismo.

Na verdade, Jezebel parece ter vivenciado outra forma de feminilidade que tentaram limitar pelo discurso religioso e de gênero, seja na época em que viveu, seja pelo contado por

⁶ Porém, outra história é contada por historiadores e arqueólogos baseados em um artefato encontrado há 40 anos: um “sinete parece mostrar que a rainha de fato era muito influente: ele era usado para ratificar documentos, o que significa que ela podia “despachar” por conta própria em seu palácio” Disponível em: <<http://tribunapopular.wordpress.com/2007/10/24/pesquisadora-identifica-carimbo-de-jezebel-rainha-vila-da-biblia/>> Bíblia: Velho Testamento, (livro1, 2 Reis 21h23min) e outros. Acesso em: 20 fev. 2013

⁷ O Espírito de Jesebel – Estudo Bíblico. Disponível em: <<http://www.midiagospel.com.br/estudos/diversos/espírito-jezabel-estudo-biblico.html>>; e, também Disponível em: <<http://www.rainhamaria.com.br/Pagina/671/Cuidado-com-o-Espirito-Jezebel>>. Acesso em: 20 fev. 2013

⁸ Pelo que entendi, em primeiro lugar, surgiu o Diante do Trono como uma banda “de música cristã contemporânea congregacional, formada em 1997 na cidade de Belo Horizonte, na Igreja Batista da Lagoinha. O grupo tornou-se popular no Brasil desde o lançamento de seu primeiro trabalho, o disco Diante do Trono de 1998. Entretanto, foi a partir dos álbuns Águas Purificadoras e Preciso de Ti que adquiriu reconhecimento internacional, se tornando o maior ministério de louvor da América Latina e um dos mais bem-sucedidos na música brasileira”. Informações extraídas da página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Diante-do-Trono/107824665913884?fref=ts#>> Acesso em: 20 fev. 2013 e mais tarde os Encontros de Mulheres organizados pela líder da banda

⁹ Disponível em: <<http://diantedotrono.com.br>> Acesso em: 20 fev. 2013



aqueles que escreveram a história bíblica. Mas, se gênero não é um conceito fixo ligado a um papel sexual e muito menos é praticado de uma só maneira, justifica-se que as feminilidades plurais sempre estiveram presentes ao longo da história, apesar dos esforços sociais de contenção e fixação.

É necessário esclarecer que esse posicionamento sobre o lugar da mulher na sociedade não é exclusividade do evangelismo. Carneiro (2008, p. 123) faz uma crítica à “carta dos Bispos da Igreja Católica Sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo¹⁰” que embora seja uma produção da Igreja Católica Apostólica Romana é coincidente com outras denominações religiosas.

Segundo Carneiro (2008) esse documento realiza vários ataques ao feminismo, à homossexualidade como antinatural e anormal, além de orientar as mulheres a “relativizar o peso de sua subordinação, renunciar a participar em condições de igualdade das instâncias de poder da sociedade, para garantir a paz social e a harmonia familiar” (p. 125).

No caso de Elizabeth e Elizandra, a relativização do peso dessa subordinação ocorria de acordo com os seus interesses, transformando a subordinação em uma estratégia para exercer micro poderes. Assim, afirmo que essas resistências e contradições são fatores importantes que levam à fluidez do gênero. E esta afirmação pode ser corroborada por Connell (1995, p. 198) que diz: “O gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias”.

Elizabeth nem sempre vivenciou a feminilidade da mesma maneira, daí algumas contradições. Segundo ela, seu marido dizia-se traumatizado e não aprendeu a dirigir automóveis devido a uma situação constrangedora, promovida por ela mesma. No passado, quando mais jovens, ela foi ensiná-lo a dirigir, mas diante da dificuldade dele em lidar com um carro diferente, ela revelou-se autoritária:

Eu tinha um Passat e ele não conseguia dar partida, pois ele tinha mais arranque do que o Fusca. Ele deixou o carro morrer, deixando-o fora do ponto e, nessa época, eu já tinha o meu filho mais velho e precisava do carro:

¹⁰ Redigida pela Congregação da Doutrina da Fé dirigida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger – Papa Bento XVI – e aprovada pelo Papa João Paulo II (31 de Maio de 2004).



“Quer saber de uma coisa? Você compra um fusquinha porque nesse carro você não pega mais!” Ele ficou de comprar o fusquinha, não comprou e se acomodou (Elizabeth, entrevista).

Posteriormente, ao questioná-la sobre quais eram as maiores contribuições da religião para sua vida, ela destacou a perseverança, a paciência, a compreensão e o saber perdoar, pois antes se irritava facilmente com as pessoas ao ponto de, certa vez, discutir com a professora Lucinda e “ficar sem a amizade dela por muito tempo”. E parece que também ficou bem irritada com o marido ao ponto de deixá-lo traumatizado.

Os relatos da professora Elizabeth indicaram formas de pensar e agir de acordo com suas concepções de feminilidade e as mudanças ocorridas em função de suas crenças religiosas. Esses relatos também informaram sobre a socialização promovida pela religião, como lembra-nos Setton (2008) e, em minha opinião, para Elizabeth, houve uma ressocialização, haja vista que a conversão para o evangelismo ocorreu quando adulta e em razão da decepção com a Igreja Católica, motivada pela busca de respostas sobre o autismo de seu filho do meio.

Ainda que Elizabeth revele-nos todas essas transformações e mostre-se, dentre as professoras, como a mais maternal e uma das que toma sua profissão como um sacerdócio, ela manifestou-se contraditória durante (e após) o trabalho de campo e isso muito me intrigou. Penso que a resposta esteja relacionada às suas reelaborações pessoais sobre todo o discurso religioso, propagados de diversas maneiras, seja nos cultos, seja por meio de outras tecnologias como as rádios e a internet, e sobre suas experiências ao longo da vida, expressando as permanências e mudanças, nela mesma.

Mas, por outro lado, pode-se interpretar que, ainda que haja tentativas de contenção de suas estratégias de subversão, elas se mostraram resistentes, mesmo que, às vezes, parecesse não haver direcionalidade e intencionalidade conscientes.

Mais adiante, no excerto retirado de um dos Cadernos de Campo, Elizabeth revelou-se direta, aberta, com um vocabulário muito claro em sala de aula e nas rodas de conversas. Às vezes, ela era impaciente em relação a alguns comportamentos de seus alunos/as, como, por exemplo, quando ordenava às alunas para sentarem-se “direito, como meninas”. Ao fazer



menção ao seu passado, colocando-se como o próprio exemplo: como deveria ser um/a bom/a aluno/a, a professora reforçava a importância de sua experiência pessoal, como um dos fatores importantes para a construção de sua identidade docente. A experiência de cada pessoa, embora seja singular e heterogênea pode ser tomada como um aspecto especial da profissão docente. Todos/as os/as professores/as já tiveram em comum, uma experiência fundada na cultura escolar, onde eles, anteriormente, estabeleceram algum um tipo de vínculo com um/a professor/a (PIMENTA, 1997).

Contudo, ao tomar as suas experiências, como exemplos, a professora as considerava atemporalmente, não levando em conta as diferenças geracionais, concernentes ao tempo e à história. Talvez essa forma de pensar ocorresse por manter formas de pensar, agir e sentir, repletas de pregnância (LOPES, 1990):

Depois de cantarmos o Hino Nacional e o do Município, fui para a sala de aula da professora Elizabeth. De acordo com sua rotina, após a “reflexão”, a professora inicia a roda de conversas falando sobre as sondagens (avaliações sobre o desempenho escolar) e sobre as muitas brincadeiras durante a aula, as quais, segundo ela, seriam um dos motivos que os estaria prejudicando: “– Vocês são alunos privilegiados, vocês têm a biblioteca escolar interativa, a sala multiuso, a sala de informática, a quadra. Vocês passam mais tempo fora da sala de aula do que dentro dela. No meu tempo, nós sentávamos a ‘poupança’ na cadeira e só saíamos quando a professora mandava. Nós ficávamos sentados, naquelas cadeiras feitas de ripas e tínhamos que ficar lá o tempo todo. Se não fazíamos o que a professora mandava, levávamos um safanão no pé do ouvido! E se chegávamos a casa e contávamos para a mãe, levávamos outro!” As crianças ficavam em silêncio e pareciam estar gostando de ouvir a professora, pois riam e cochichavam entre si, enquanto a escutavam [realmente era engraçado e eu também ria comigo mesma]. Ela contou-nos sobre o seu trauma da tabuada do 7x8, sobre a professora que lhe puxou a orelha e a envergonhou na frente dos colegas (na segunda série). Contudo, encontrou, na terceira e na quarta séries, uma professora maravilhosa. Esta a fez ser uma criança participativa e que gostava de escola, tornando-se a primeira aluna da sala (Caderno de Campo, 19 de Agosto de 2011).

Ao mesmo tempo em que Elizabeth comunicava uma ordem às crianças sobre como comportar-se, ela destacava o seu papel de mãe/professora. E isso pode ser interpretado de duas maneiras: a mãe exerceria um papel de coeducadora, aquela que auxiliava a professora a manter a ordem escolar e, à mãe dever-se-iam omitir sobre que acontecia dentro da escola, já



que, caso lhe contassem, correriam o risco de levar “outro safanão”. Dessa forma a professora garantiria seus micropoderes dentro da escola.

Durante toda sua vida, professora Elizabeth esteve inserida em instituições (na igreja, na escola ou na família) nas quais as desigualdades de gênero estavam presentes intensamente, como: “se não casar virgem o marido devolve”; ou pela especificidade da escolarização dirigida somente para as meninas; ou por meio da religião: “as mulheres sentavam de um lado e os homens de outro”; ou ainda, sobre a posição do homem na família. Estas realidades foram vivenciadas como naturais e inequívocas.

De acordo com Moore (2000, p. 33):

Não há uma única feminilidade ou masculinidade com que as mulheres e homens individuais possam se identificar em seus contextos sociais, mas sim uma variedade de feminilidades e masculinidades possíveis fornecidas pelos discursos concorrentes e contraditórios que existem, e que produzem e são reproduzidos por práticas e instituições sociais.

CONSIDERAÇÕES

Pode-se dizer que o discurso religioso propagado por meio da internet, seja por vídeos ou redes sociais ou *blogs*, deve ser considerada uma importante forma de influenciar comportamentos em razão de utilizar-se da fé e das crenças das pessoas. Ainda que esse discurso seja ressignificado, no que se refere às práticas pedagógicas ele tende a cumprir sua finalidade mais específica que está relacionada à normatização e à naturalização de comportamentos considerados adequados às mulheres e aos homens.

O trabalho realizado por essa professora encontrou sentido diante de circunstâncias adversas, ao ser significado como missão, sacerdócio, associado à maternidade, símbolos que evocavam respeito, autoridade, nobreza e a tornava segura para agir sobre o meio em que estava inserida. Esses símbolos materializavam-se, na prática por meio da oração, da preocupação com a educação do ser como um todo e, como já visto, têm permanecido no contexto escolar ao longo do tempo e da história em nossa cultura.



As transformações ocorridas nas configurações de famílias, o lugar social da mulher, a proposta de democratização de ensino, o aumento das notícias sobre a violência, sobre o tráfico de drogas revelaram-se complicadores na vida das professoras do grupo estudado e mostraram-se como fontes de “insegurança social” (CHARLOT, 2002). Sem o apoio do Estado para prover-lhes segurança e boas condições de trabalho, apelam para esses símbolos da maternidade e do sacerdócio, já normatizados pelo gênero e pela religião.

Por exemplo, Cunha e Cavaliere (2007) descobriram, que a adesão ao ensino religioso, ainda que passiva e hesitante, em escolas da região metropolitana no Rio de Janeiro, além de revelar que o laicismo estava sendo corroído, revelava as difíceis condições de trabalho, à perda da autoridade diante da diversidade social e cultural dos alunos, à chegada de novos alunos vindos do campo para a cidade, à falta de providências de recursos materiais e humanos para acompanhar a democratização e universalização do ensino, ao tráfico e consumo de drogas e armas pelos próprios alunos.

A pesquisa, como um todo, revelou que as professoras tendiam a escolher a docência a partir de aspectos de suas vidas pessoais relacionados à submissão, porém, apesar das frustrações diárias como professoras, permaneciam no magistério por considerá-lo uma missão.

Dessa forma, as professoras, desta pesquisa, desenvolveram estratégias para lidar com situações dentro da sala de aula e, também com aquelas que extrapolavam o meio escolar, muitas vezes baseadas em ideias tradicionais de maternidade, família e sacerdócio, mas cheias de sentidos (missão) para elas como docentes.



INTERNET, DISCURSOS RELIGIOSOS Y GÉNERO.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los discursos sobre la religión y sobre la masculinidad y la feminidad, difundidos a través de Internet, se pueden incorporar en los discursos y formas de pensar y actuar de una maestra de escuela primaria. El estudio fue realizado en una Escuela Municipal Educación Básica (EMEB) de la región del Gran ABC de São Paulo. Se llevó a cabo a través de la toma de la metodología cualitativa como un estudio de caso. Se intentó realizar a la luz de la perspectiva etnográfica, mediante la observación y entrevistas semi-estructuradas. El discurso religioso propagado a través de Internet es para los vídeos, redes sociales o blogs, resultó ser una influencia importante en el comportamiento, ya que utiliza la fe y las creencias de las personas. Aunque este discurso es reformulado en las prácticas pedagógicas, su propósito está más específicamente relacionado con la normalización y la naturalización de los comportamientos considerados apropiados para las mujeres y los hombres.

PALABRAS-CLAVE: Creencias Religiosas. Género. Maestra. Educación Primaria.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Estado laico, feminismo e ensino religioso em escolas públicas. In: FISCHMANN, Roseli (Org.). **Ensino Religioso em Escolas Públicas: impactos sobre o Estado laico.** São Paulo: Factash, 2008 p.141-42.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias.** Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez. 2002.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev.Estud.Fem.** Florianópolis, v.21, n.1, abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2013000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

CUNHA, Luiz Antônio; CAVALIERE, Ana Maria. O ensino religioso nas escolas públicas brasileiras: formação de modelos hegemônicos. IN: PAIXÃO, Léa Pinheiro; ZAGO, Nadir Zago. **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira.** Petropolis: Vozes, 2007.



LOPES, Eliane Marta Teixeira. Uma contribuição da História para a História da Educação. **Em Aberto**. Brasília, v.9, n.47, jul/set, 1990.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cad. Pagu**. Campinas, (14)2000 p.13-44. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/n14a02.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. A formação de professores: saberes da docência e identidade. **Nuances**. Presidente Prudente, v. 3, p. 5-14, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **S.O. S Corpo: gênero e cidadania**. Recife, 1995, p. 1-17 (versão impressa).

SETTON, Maria da Graça Jacintho. As religiões como agentes da socialização. **Cad. CERU**. São Paulo, v.19, n.2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 ago. 2011.

Recebido em 18 de agosto de 2014. Aprovado em 06 de setembro de 2014.